

The background of the entire cover is a dark, starry space. Overlaid on this is a grid of circular frames, each containing a different phase of the moon. The phases include crescents, gibbous moons, and full moons, arranged in a pattern that repeats across the top and bottom sections of the cover.

HELDER SALOMÃO

*Noites
de Julho*

Noites de julho são as noites que, de alguma forma, ganharam significado no decorrer da minha vida e que marcaram tempos de grande aprendizado, épocas difíceis e de boas lembranças.

Os textos deste livro são reflexões extraídas dos tempos da infância e concatenados com acontecimentos recentes que estão muito vivos na mente e no coração. São construções e narrativas simples que inspiram o presente e iluminam o futuro. São experiências e lições que jogam luz na minha trajetória e que influenciam o meu caminhar até hoje.

Por esta estrada, vou juntando fragmentos que repousam na memória. Com eles, quero formar um mosaico da minha história que se mistura com a história de muita gente com quem eu tive o desafio ou o prazer de conviver, de compartilhar e de aprender.



*Noites
de Julho*

Helder Salomão

Noites
de Julho

Gráfica e Editora GSA

Vitória
2023

Copyright © 2023 ~ Helder Salomão

AUTOR ~ Helder Salomão

REVISÃO ~ Flavia Pinheiro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO ~ Paulo Arrivabene

CAPA ~ Paulo Arrivabene

FOTO DO AUTOR ~ Fernando Madeira

IMPRESSÃO ~ Gráfica e Editora GSA

Gráfica e Editora GSA
Rua Pedro Botti, nº 81
Consolação, Vitória/ES
CEP: 29.045-453
TEL: 27.3232-1266
graficagsa.com.br

Catálogo na fonte
Bibliotecária Angela Maria Battestin – CRB-6/MG nº 539-ES

S173n

Salomão, Helder

Noites de julho / Helder Salomão. - Vitória : Gráfica e Editora GSA, 2023.

100 p. : 13 x 18cm.

ISBN 978-65-86231-4-34-2

1. Poesia brasileira. 2. Poesia – Espírito Santo (Estado). I. Salomão, Helder.

CDU 821.134.3 (81)-1
CDD B869.152

*Para João Salomão (in memoriam),
meu nono paterno, que me ensinou por
meio de suas histórias fascinantes.*

Agradeço a Deus

*pelas mais de vinte e uma mil
noites vividas.*

À Vera, Sofia e Pedro,

*pelas mais de oito mil noites
em que estamos juntos.*

À Sonia Cristina Salomão,

*pela preciosa generosidade e por
ter me auxiliado nas narrativas
da infância.*

À Flávia Pinheiro,

*pelo olhar atento e sensível e
revisão deste livro.*

À Angela Maria Battestin,

*pelo carinho, colaboração e
disponibilidade de sempre.*

A Paulo Arrivabene,

*por fazer as noites de julho
mais vivas e iluminadas.*

In memoriam

Em novembro de 2022,
quando eu concluía a revisão
de Noites de Julho,
duas pessoas muito queridas da família,
o tio Paulino e o primo Victório,
encerraram suas passagens terrenas.
Tudo aconteceu muito rapidamente,
num intervalo de vinte e um dias.
Paulino Borini partiu aos sessenta e três anos.
Victório Salomon nos deixou aos noventa e seis anos.

Paulino era portador da Síndrome de Down,
e nos ensinou lições de amor e de bondade.
Ao longo de mais de seis décadas
a convivência com o Paulino
foi de muito aprendizado.
Ele amava com gestos simples,
tinha um sorriso contagiante,
sabia e adorava dançar forró,
gostava de andar a cavalo
e de passear de carro no banco da frente.
Era dono do melhor abraço do mundo.
Todos nós somos muito gratos
pela presença dele em nossas vidas.

Como era bom ouvir as histórias envolventes
e causos que o Victório contava
de maneira entusiasmada e feliz.

Quantas vezes nos reunimos com ele
para boas conversas e ouvir suas cantorias
(religiosas e populares, em português, latim ou italiano).

Dias antes do seu falecimento,
em 04 de novembro de 2022,
foi a última vez que eu o ouvi
entoar emocionado,

junto com familiares e amigos,
a sua voz afinada e inconfundível,
em louvor a Deus e à vida.

Ele queria muito celebrar o centenário,
já fazia planos para a festa de cem anos,
mas um acidente doméstico
abreviou a vida do nosso mestre da alegria.

Paulino e Victório continuam presentes
e seguirão conosco...

*“Depois da curva da estrada,
tem um pé de araçá.
Sinto vir água nos olhos,
toda vez que passo lá...”*

Renato Teixeira



Horas

- A arte de contar histórias ~ 17
- O retratista e o monóculo ~ 20
- Primeira bicicleta ~ 22
- Ser criança ~ 24
- Contador de histórias ~ 26
- Brincadeiras de criança ~ 28
- Predileção pelo futebol ~ 30
- A magia do céu ~ 32
- Dialeto italiano ~ 34
- TV pela primeira vez ~ 35
- Marca registrada da família ~ 38
- Morte da nona Amália ~ 41
- Nascimento da caçula ~ 43

Dias

- Memórias ~ 49
- Menino ~ 50
- Soneto para os meus pais ~ 51
- Respeito aos ciganos ~ 52
- O sabor doce da manga ~ 54
- Licões dos leilões ~ 55
- Deus ajuda quem cedo madruga ~ 58
- Calvície do nono ~ 61
- Passarinho na gaiola ~ 63
- Encantamento com a cidade ~ 66
- Decisão corajosa ~ 69
- Pescaria ~ 71



Anos

Essencialmente ~ 77

Retrato ~ 78

Filhos são presentes ~ 79

Mãe e matriarca ~ 80

Mulher de verdade ~ 82

Despedida em sonho ~ 84

Três com três ~ 86

Presente ~ 88

Cheiro de terra

molhada ~ 89

Presença de Clementina ~ 91

Cavalo de Santa Luzia ~ 93

Bom princípio ~ 95

Apêndices

As compras do nono Salomão ~ 98

Ovos de Páscoa coloridos ~ 99

Memórias da infância

Sou muito grato por tudo que vivi. Não imaginava tantas coisas boas que aconteceram comigo na caminhada até aqui. Em Noites de Julho, passeio pelas memórias da infância e por outros recortes da minha experiência existencial.

Este livro é uma celebração de quase seis décadas de vida. Uma tentativa de recuperar ensinamentos que marcaram profundamente a minha trajetória. Trata-se de uma incursão pelos caminhos percorridos para beber novamente nas fontes que foram fundamentais para a formação do meu caráter e da minha personalidade.

12

Foi prazeroso mergulhar no passado e reviver cenas marcantes da minha vida. Ao recordar as minhas memórias, tive a oportunidade de compreender mais profundamente a importância dos momentos que vivi na infância (tempos felizes, tristes, desafiadores, fascinantes...) para que me tornasse a pessoa que eu sou.

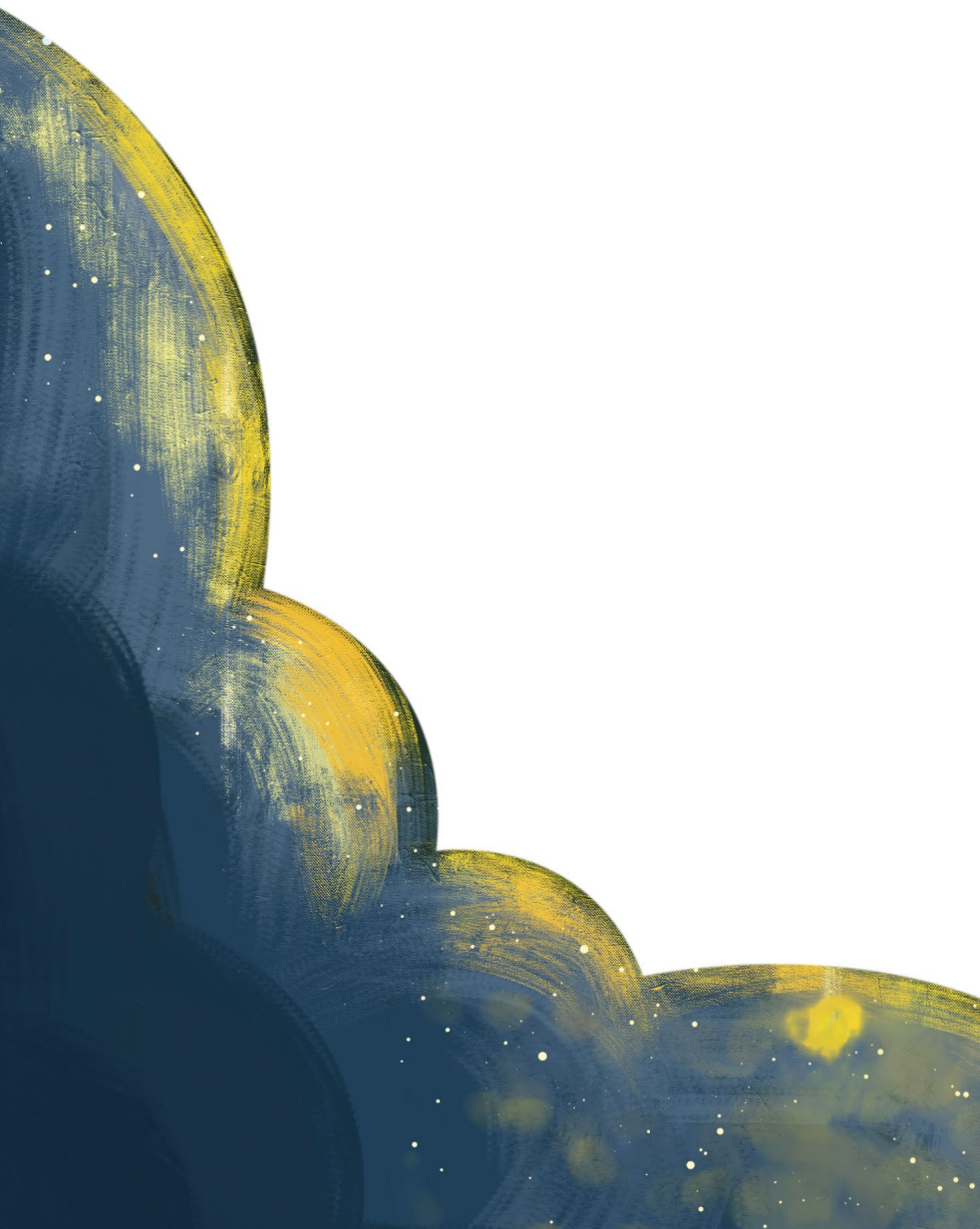
Foi durante o período mais grave da pandemia da Covid-19 (dezembro de 2020 e janeiro de 2021) que escrevi a maior parte de Noites de Julho, que é uma mistura de sentimentos... Impossível não sentir novamente as dores da minha existência e não sofrer junto com as milhões de

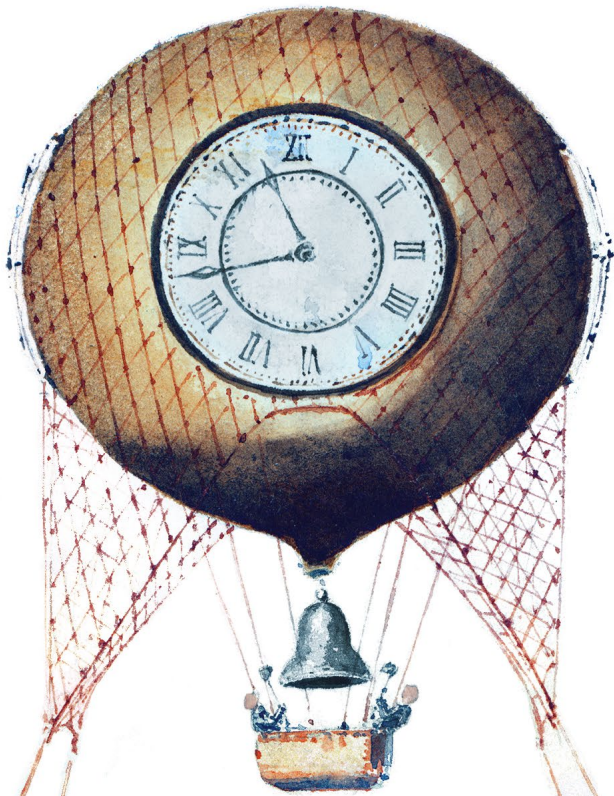
famílias que perderam seus entes queridos nesses tempos difíceis (por causa do negacionismo da ciência e da vacina, no Brasil morreram mais de setecentas mil pessoas em decorrência da Covid 19, no mundo foram mais de sete milhões de mortes). Foi uma viagem emocionante, feita de tristezas e alegrias, que me fez revisitar histórias e ressignificar a própria vida.

Estes textos não são mero saudosismo como alguns podem pensar. Não é disso que trata este livro. Se ao final da leitura, você conseguir vê-los apenas sob esta ótica, é sinal que não compreendeu nada do que leu ou talvez eu não tenha conseguido me fazer entender.

13

Noites de Julho não é um livro (ingênuo) para quem quer ficar preso ao passado, mas uma oportunidade de repensar o presente e projetar o futuro. E assim vou registrando as memórias e revisitando a história para dar ainda mais sentido à vida.





Horas

“E no balanço das horas
tudo pode mudar...”

(trecho da canção gravada pela banda Metrô, 1985)

A arte de contar histórias

Lembro das manhãs,
tardes e noites
quando, nós crianças,
nos reuníamos ao redor
do nono João Salomão
para ele contar suas histórias,
seus causos emocionantes,
muitos e curiosos causos...
Era comum ele repetir
as mesmas histórias,
e a gente gostava de ouvir,
tudo novamente,
como se fosse a primeira vez.

O seu jeito simples de falar
fascinava a meninada,
que não se cansava
de ouvir, dia após dia,
os mesmos enredos
e outros que ele introduzia
no seu vasto repertório.

Eu mal sabia que aquelas histórias
e que aquele jeito de contar os causos
me acompanhariam até hoje.

O tempo passou e, por óbvio,
eu não aprendi a contar histórias,
como fazia com maestria o meu nono;
mas custei a entender que o meu hábito
de repetir coisas que acho importantes,
aprendi com ele.

Mais tarde, durante o curso de filosofia,
compreendi a importância da repetição
para alcançar o conhecimento e a sabedoria,
ao estudar as ideias de Platão
e de outros pensadores.

18

Com o tempo, entendi
que o meu nono e padrinho
contava repetidamente
aqueles causos porque
eram as histórias que davam
sentido à vida dele.

Que pedagogia fantástica
era usada por aquele homem
que frequentou a escola
por apenas três anos.

Ele prendia a atenção de todos
e ensinava com sua maneira de ser,
com sua simplicidade.

Na verdade, ele fazia poesias
contando suas histórias,
e eu carrego esse aprendizado até hoje.

O retratista e o monóculo

Naquele tempo não havia muitos fotógrafos, aliás eles eram conhecidos como retratistas. Onde eu nasci tinham dois ou três em toda região. Hoje, quase todos somos retratistas e fotógrafos. Aliás, os smartphones substituíram as máquinas fotográficas e fazer fotos, agora, é ofício comum.

20 Eu tinha seis anos quando meus pais contrataram um retratista para ir à nossa casa fazer fotografias minhas e dos meus irmãos (a irmã Sonia ainda não era nascida). Era uma manhã de domingo, após a missa, por isso, estávamos com roupa de festa, vestidos adequadamente para a ocasião.

Para aquela esperada sessão de fotos, fomos colocados em cima da mesa que ficava no centro da sala da casa onde nasci, e onde morávamos, em Córrego Alto Moacir, então distrito de Governador Lindenberg, pertencente ao município de Colatina.

Antes do início dos trabalhos,
o retratista fez uma brincadeira sem graça
ao dizer que, a partir do momento da foto,
nós ficaríamos presos dentro do monóculo para sempre.
Explico: meus pais tinham contratado
os monóculos e não as fotos impressas no papel.
Aquela atitude impensada e infeliz
foi o suficiente para nós cairmos no choro
e isso atrasou o trabalho do retratista,
que, sem graça, tentava explicar
que se tratava apenas de uma brincadeira
(de mal gosto, diga-se de passagem).

Àquela altura, eu e meus irmãos,
tínhamos ficado apavorados e com muito medo
de sermos aprisionados no monóculo –
tamanha era a nossa ingenuidade.

Quando lembro dessa história,
fico pensando que precisamos ter cuidado
com algumas brincadeiras que fazemos com as crianças.
O universo infantil é feito de símbolos e de fantasias.
Não podemos apressar o amadurecimento dos pequenos,
e nem tratá-los como seres incapazes de compreender
o mundo a sua volta. A meninice nos faz ser quem nós
verdadeiramente somos, sem filtros!

Primeira bicicleta

Quando eu tinha sete anos,
meu pai comprou uma bicicleta,
um presente para mim
e para os meus irmãos.
Era uma pequena bicicleta usada,
que precisava passar por uma reforma
para ter condições de uso.

22 Meu pai, então, levou-a
para os reparos gerais.
Não me lembro bem,
mas sei que passou
um bom tempo
até que pudéssemos
desfrutar daquela
desejada bicicleta.
Afinal, era a primeira
em nossas vidas.

Enfim, chegou o dia
de brincarmos juntos
com os nossos vizinhos
que já estavam equipados
com as suas “máquinas”.

Quantas emoções vivemos
sobre aquela velha bicicleta...
Todos os dias, alegremente,
nos revezávamos nas peraltices
sobre duas pequenas rodas.

Éramos felizes com tão pouco...

Ser criança

A criança que eu fui
ainda mora dentro de mim.
Os sonhos da minha infância
resistiram ao tempo,
outros que surgiram depois,
também carrego comigo.

24 As brincadeiras de menino
continuam passeando
no meu itinerário adulto.
Muitas perguntas antigas
ainda estão sem respostas -
por isso eu agradeço!
As lições mais importantes,
aprendidas à beira da estrada
no interior das terras capixabas,
estão presentes até hoje,
e que bom que seja assim!

O movimento é o princípio
de todas as coisas
no pensamento de Heráclito.
Somos potência e ato,
ensinou Aristóteles.

A criança vira adulto
e o adulto vira criança.

As ideias, o ser e o fazer
mudam a todo instante,
o que não é, poderá vir a ser,
o que é, poderá deixar de ser.
Somos seres mutantes...
Na dialética da vida,
em Hegel, Marx e tantos outros...
somos teses, antíteses, sínteses...
Só sei que alcancei certa maturidade,
mas a criança que eu fui –
para minha felicidade –
ainda vive dentro de mim.

Contador de histórias

Meu pai é um homem bastante tímido,
mas excelente contador de histórias,
(é, sobretudo, um ser humano incrível,
um homem admirável e de uma bondade
que não cabe nele).

Ele é parecido com muitas crianças,
que primeiro precisam se enturmar
para só depois ficarem à vontade.

Essa ambientação leva um certo tempo,
mas depois ninguém segura o Demétrio,
o meu contador de causos predileto.

Até hoje a gente gosta de se reunir ao redor dele
para ouvir suas empolgantes histórias.

Meu pai também gosta de contar piadas,
geralmente leves e ingênuas...

mas ele não diverte apenas a criançada atenta,
com aqueles momentos ricos e lúdicos,
(os adultos também gostam muito),
e Demétrio se diverte mais do que todos nós...

Quando ouvimos atentamente suas histórias,
nem vemos a hora passar ligeira.

São sempre momentos de diversão e de alegria.

A coleção de histórias do meu pai é bastante grande, mas volta e meia ele repete os mesmos causos que foram contados em outras ocasiões (o meu nono também fazia o mesmo). Algumas histórias a gente sabe de cor, mas todas as vezes que as ouvimos, a vibração e a emoção são as mesmas. É como se aqueles causos recontados (repetidos) fossem inéditos e contados somente naquele dia.

Papai tem uma forma especial de contar causos, habilidade que ele herdou do meu nono, pai dele, mas, dá o seu toque pessoal e inconfundível, quando acrescenta pitadas de humor no repertório.

27

Aos oitenta e três anos, ele ainda mantém a performance dos tempos passados e sempre que tem oportunidade, com a turma reunida, conta seus causos e piadas. E nós, crianças que ainda somos, no reunimos em volta dele para nos deliciarmos com aqueles momentos únicos e vibrarmos com o seu jeito envolvente de nos ensinar as lições mais importantes das nossas vidas.

Brincadeiras de criança

Minha infância foi muito simples.
O ambiente onde nasci
e vivi a primeira década,
era de muitas dificuldades,
mas tínhamos uma boa atmosfera familiar
e muitas brincadeiras de criança.

28 Nos finais de tarde, às noites
nos fins de semana e feriados,
a meninada se reunia para brincar
ou para ouvir as histórias dos mais velhos.
Eram muitas brincadeiras animadas
que embalavam os nossos encontros,
nas casas de parentes e vizinhos,
tempos de intensa convivência
e de compartilhamento da vida.
Esses momentos eram fundamentais
para a nossa socialização
e para suprir as restrições daquele lugar.
Naquela época, as tecnologias de hoje
ainda não faziam parte do cotidiano,
mas havia riqueza de afetos entre as pessoas.

Quando olho para os meus filhos
e para crianças e adolescentes, de hoje,
vejo que os desafios são outros:
de um lado, há grande fartura tecnológica,
do outro, mais individualismo
e relações superficiais entre as crianças,
as famílias e as pessoas em geral.

Com o surgimento das novas tecnologias,
as relações sociais e familiares mudaram muito.
Daí a importância do bom uso delas
para melhorar a vida em sociedade
e não permitir que a convivência entre as pessoas
se torne superficial e seja deixada em segundo plano...

Quanto mais avançam as tecnologias,
mais necessária é a compreensão
de que nunca haverá um recurso tecnológico
capaz de substituir as experiências de relacionamento
e de humanização, que só o afeto, o olho no olho
e as brincadeiras de criança podem nos dar.

Predileção pelo futebol

Uma das nossas diversões preferidas,
era o futebol nos fins de tarde,
no terreiro ao lado da nossa casa
ou numa área de pasto,
localizada na pequena propriedade da família.

30 A criançada se reunia para brincar
e costumeiramente formava os times
com dois jogadores chamando
um a um os componentes da sua equipe.
Geralmente as partidas eram disputadas
sob o olhar curioso dos adultos,
que acompanhavam atentamente
o desempenho dos meninos atletas,
para os quais torciam fervorosamente
com gritos e palavras de incentivo.

Confesso que nunca fui dos melhores
naquelas partidas de futebol,
mas eu também não era considerado
um jogador desprezível, perna de pau...

A integração era o mais importante que aqueles momentos proporcionavam. Nem mesmo os conflitos e brigas, que ocorriam por causa das disputas acirradas tiravam o brilho daqueles momentos.

Além de garantir a diversão da criançada, aqueles jogos de futebol contribuíram muito para a formação do nosso caráter. Estimulados pelos adultos, nós levávamos a sério todas as partidas que deveriam ser disputadas com respeito, disciplina e espírito esportivo.

Nós, crianças brincantes na infância, aprendemos, entre outras coisas, que devemos ter lealdade nas competições, e que não podemos levar vantagem em tudo.

O tempo passou, e eu trouxe isso para a vida.

A magia do céu

Quando criança, na roça,
eu adorava contemplar
o céu, a lua e as estrelas
na escuridão das noites.
Era um espetáculo à parte.
Quanto mais escura a noite,
mais bonitas eram as estrelas
que enfeitavam o céu.

32

E eu sentia o céu tão perto,
as estrelas todas tão minhas,
e as luas, cheia, minguante,
nova e crescente, tão amigas,
companheiras das noites
de mistérios e de calma.
Apenas os cantos dos pássaros,
os sons emitidos pelos animais,
e as conversas em família,
quebravam o silêncio
antes que fôssemos tragados pelo sono.

Hoje entendo porque gosto tanto
do silêncio e dos seus benefícios.
Contemplar os mistérios das noites
ajuda a compreender melhor
o universo do mundo e das pessoas
e as coisas ao nosso redor e longe de nós.

Vivo na cidade desde os dez anos,
e aqui é difícil contemplar o céu,
porque as luzes artificiais ofuscam as estrelas
e diminuem o brilho mágico da lua;
por isso, aproveito as viagens
à minha terra natal e a outros cantos,
(longe da claridade das cidades),
para manter o bom hábito da infância:
olhar o céu e sua magia na noite escura,
contemplar seus lindos mistérios
e descobrir seus encantos.

Ao longo da minha existência,
espiar o céu e admirar o universo
tem sido uma terapia fundamental
para suavizar os desafios cotidianos
e compreender mais profundamente
a nossa responsabilidade planetária
e o cuidado que devemos ter com a vida,
com a Gaia, a Pachamama.

Dialetto italiano

Era sábado, dia 17 de janeiro de 1880,
quando chegaram ao Brasil meus nonos e nonas
e seus familiares, num total de sete pessoas
da família italiana Salamon
(no Brasil houve a mudança da grafia para Salomão).
Aqui, além deles, os brasileiros também
mantiveram o hábito de falar o dialeto do Veneto,
região Norte da Itália,
de onde partiram os membros da minha família
que buscavam uma nova terra...

34

Naquela época, era muito comum
falar o dialeto italiano dentro das casas,
principalmente quando os adultos não queriam
que as crianças participassem das conversas
ou quando queriam esconder delas
os assuntos que julgavam ser só para gente grande.

*A noi bambini questa storia non piaceva per niente
e la nostra curiosità era troppo grande per conoscere
il contenuto delle conversazioni degli adulti.*

TV pela primeira vez

Em 14 de junho de 1974,
quando eu tinha dez anos,
vivi uma experiência
no mínimo inusitada
para as crianças de hoje:
assisti televisão pela primeira vez.
Sim, aos dez anos de idade.

Nesse período
a energia elétrica
ainda não tinha chegado
onde eu morava.
Então você deve se perguntar:
como eu assisti televisão
se não havia energia elétrica
naquela localidade?

Como isso aconteceu?
Um morador da localidade,
utilizou um moinho movido a água
para gerar a energia.
Comprou uma televisão,
à época, (em preto e branco),
construiu uma pequena casa,
colocou nela alguns bancos,
e instalou o televisor lá dentro.

Como ele era o único
a possuir o aparelho de TV,
(até então inédito no lugar),
definiu um valor de entrada
para as pessoas assistirem
algumas programações,
consideradas mais importantes
(ele era empreendedor nato)!

Eu nunca tinha visto televisão.
Era ano de Copa do Mundo
e os adultos combinaram
assistir as partidas pela TV
e convidaram algumas crianças.
Fui levado pelo meu pai
para aquele grande acontecimento
na minha vida.

Foi assim que vi televisão
pela primeira vez.
Mas é curioso dizer
que paguei a entrada,
(como fazemos hoje
para irmos ao cinema),
para assistir à partida
entre Brasil e Zaire.
O jogo terminou 3 x 0,
o Brasil saiu vencedor
daquela partida,

embora a nossa seleção
tivesse sido eliminada
nos jogos seguintes
e perdido a competição naquele ano.

E eu nem imaginava
os caminhos que a TV brasileira
trilharia até os nossos dias.
Não fazia a mínima ideia
de qual seria a influência que exerceriam
os meios de comunicação
para a formação das consciências
sobre a política, a história, a cultura
e as realidades brasileira e mundial.

37

Muito menos, eu poderia pensar
sobre a revolução que a internet,
as redes sociais e a inteligência artificial
promoveriam em nossos hábitos
e em nossa maneira de pensar e de agir.
Nos tempos obscuros das fake news,
precisamos encontrar caminhos
para combater todo ódio e toda mentira
que já desconstruíram personalidades
e foram decisivas em processos eleitorais,
no Brasil e no mundo.

E eu aqui lembrando do dia que vi televisão
pela primeira vez, há quarenta e nove anos...

Marca registrada da família

Meus pais são bem-humorados.
E souberam ensinar essa arte aos filhos.
Por mais que as coisas sejam difíceis,
papai e mamãe conseguem manter
o sorriso no rosto, a alegria de viver
e o bom humor.

38 Excetuando os momentos de dor
é muito raro a família estar reunida
e não surgirem brincadeiras entre nós.
Os meus irmãos, Valtim e Ivan,
são os que se destacam nessas horas
e os que mais provocam altas risadas,
mas, eu e a irmã Soninha, mais contidos,
também participamos das caçoadas.
Os agregados, filhos, netos e sobrinhos
também se divertem e participam
das sessões de risos e gargalhadas.

É assim que meus pais nos ensinaram
a levar a vida com mais leveza,
(principalmente naqueles tempos difíceis),
a entender que não podemos confundir
seriedade com cara fechada.

Isso quer dizer que podemos ser sérios sem ser tristes e enfrentar os desafios com entusiasmo.

Talvez por isso a gente consiga ser feliz com coisas pequenas e simples da vida. Dessa forma, nossos pais nos deram, (e nos dão até hoje), oportunidades de desfrutarmos dos benefícios que só o bom humor pode nos dar nessa travessia (às vezes) difícil da vida. Assim, descobrimos que levar a vida com leveza faz bem para a saúde, para o corpo, para a alma, para a convivência familiar e para os corações sedentos de amor.

39

Nossos pais nos ensinaram também que não podemos pensar somente em nós. Isso nos ajudou a entender que a conquista da felicidade não é algo que se consegue de forma isolada, sem sentir a dor dos outros.

Desde cedo, nas brincadeiras e jogos, era comum ouvirmos frases como esta: “Agora é cada um pra si e Deus pra todos.” Mais tarde, eu descobri que onde cada um é pra si, Deus é pra ninguém e o diabo é para todos.

Na minha família, a gargalhada nunca foi sinônimo de indiferença com a dor e com o sofrimento alheio nem a busca da felicidade egoísta, mas, uma forma de levar a vida com alegria, esperança, entusiasmo e empatia.

Por isso, quando alguém me pergunta sobre como devemos encarar a vida, lembro das lições dos meus pais e digo que nada melhor do que o bom humor e a solidariedade para sermos felizes e espalharmos felicidade.

Morte da nona Amália

Lembro pouco dela.
Era minha bisnona,
bisavó paterna, Amália Altoé.
Casada com o meu bisnono
Italiano, Salamon Andrea,
(que chegou ao Brasil com seis meses
e dezessete dias de vida).
Por meio dos mais velhos,
ouvi muitas histórias
sobre essa mulher forte
que fez o meu parto
e o parto dos meus irmãos.

41

Ainda lembro de alguns momentos
que vivi com ela nos meus primeiros anos.
Nona Amália se trajava de maneira peculiar:
vestidos longos, avental e lenço na cabeça,
eram peças frequentes nas suas vestimentas.
Ela foi uma mulher muito resiliente
e teve que criar os sete filhos sozinha.
Quando o marido morreu precocemente,
(aos trinta e quatro anos),
ela estava grávida do oitavo filho,
que nasceu com deficiência
e faleceu logo após o nascimento.

Eu era muito pequeno quando ela faleceu.
(em 1970, tinha apenas seis anos),
mas lembro bem que no momento
da morte dela eu estava no corredor
próximo do quarto onde ela repousava doente
(na casa onde nasci e vivi durante dez anos).
Recordo a minha mãe pedindo
para que nos afastássemos do quarto dela,
e eu sem entender o que estava acontecendo.

Essa foi a minha primeira experiência com a morte.
Eu só não podia imaginar que aquela que fez o meu parto,
que me trouxe à vida, fosse ser a primeira pessoa
que eu presenciaria sua morte poucos anos depois.
Essa lembrança ainda dói em mim.

Nascimento da cacula

Em 04 de junho de 1972,
um domingo de manhã,
a movimentação era grande
na casa onde a gente morava,
no Noroeste capixaba.

Eu tinha então oito anos,
e a minha irmã mais nova,
nossa querida Soninha,
estava prestes a nascer.
A parteira dona Inês Künsch,
já havia sido chamada
e estava a postos para mais um parto.

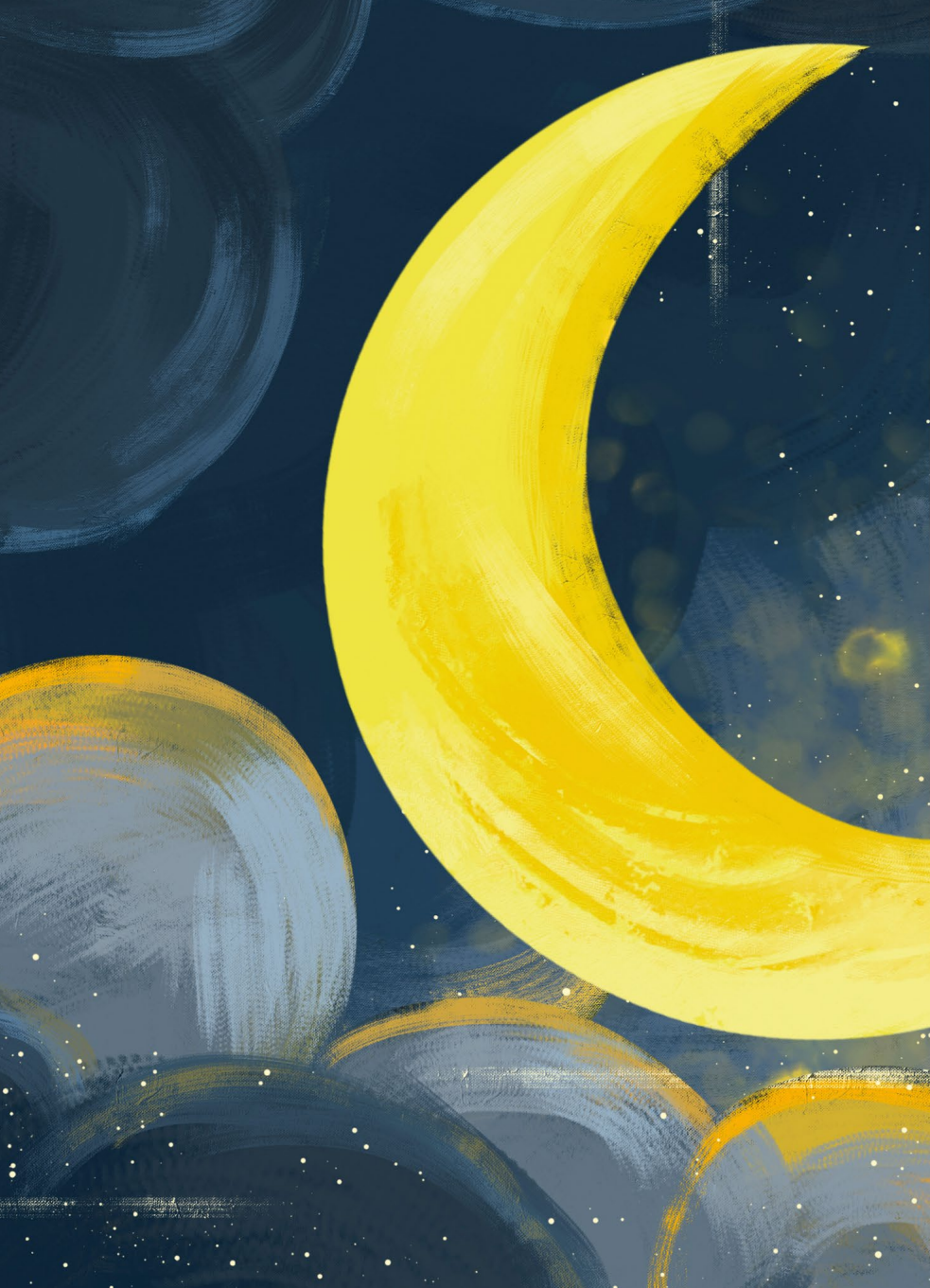
Eu e meus irmãos também nascemos
de parto normal, na mesma casa,
e a parteira foi a nossa bisnona Amália Altoé.
A minha irmã seria a primeira
dos filhos dos meus pais
a não vir ao mundo pelas mãos dela,
isso porque Amália tinha falecido
dois anos antes do seu nascimento.
Por isso, dona Inês, parteira da região,
foi chamada para aquele momento,

que seria o nascimento da última filha
do casal Nadir e Demétrio.

Minha irmã mais nova é nossa bússola,
é exemplo de cuidado e de generosidade.
Tenho a impressão que ela reúne
as melhores qualidades dos membros da família.
Não a vi nascer, pois o procedimento
de parto normal não podia
ser acompanhado pelas crianças,
mas foi a primeira vez que eu vivi
grande emoção com o nascimento de alguém...

44

Minha irmã é inspiração para nossa família
e creio que a minha caminhada e militância política
foram marcadas e iluminadas por este dia,
quando presenciei o milagre da vida, aos oito anos.





Dias

“Vivemos esperando dias melhores, dias de paz,
dias a mais, dias que não deixaremos para trás.”

(trecho da canção gravada pela banda Jota Quest, 2000)



Memórias

Os passarinhos cantam
no meio da mata fechada,
onde a saudade mora
lá na beira da estrada.

O tempo já deixou pra trás
memórias que você guardou.
Roseiras da minha infância
o coração já desenhou.

A primavera é de cores,
e a flor abriu a estação.
Na viola o sertanejo
dedilhando a canção.

Suas histórias falam
além do que vou contar.
Amizade verdadeira
trago no meu caminhar.

O tempo já deixou pra trás
memórias que você guardou.
Roseiras da minha infância
o coração já desenhou.

Menino

Aquele menino
lá do interior,
partiu.

Saiu de casa
bem cedo
para estudar,
sorriu.

50

Foi em busca
de sonhos,
o tempo passou
que nem viu.

Aquele menino
virou homem,
mas nunca
esqueceu

da terra natal,
dos amigos,
e a humildade
nunca perdeu.

Guardou o amor,
e a belas lições
que aprendeu.

Soneto para os meus pais

Meu pai pouco frequentou a escola,
trabalhou duro desde muito cedo.
Ele pendurava no pescoço a sacola,
com a enxada nas costas, partia sem medo.

Minha mãe também pouco pôde estudar.
Costureira muito procurada na região,
sempre pronta e disposta a ajudar
a quem dela precisasse, sem distinção.

Meu pai, homem humilde de fé,
minha mãe, mulher de fé e alma forte,
com eles, lições generosas aprendi

nos ofícios da casa e na lavoura de café,
eles me ensinaram tanta coisa no Norte,
naquelas terras capixabas onde eu nasci.

Respeito aos ciganos

Os ciganos sempre passavam na nossa região
e ficavam instalados algum tempo por lá.
O nono João Salomão, sempre acolhedor,
fazia questão de recepcioná-los
no terreno de propriedade da família.

Ele gostava muito de se relacionar,
fazer barganhas e amizade com os ciganos.
Muitas vezes eu e meus familiares
o acompanhávamos nas visitas e prosas
que aconteciam nos acampamentos
montados no pasto perto da nossa casa.

Na memória tenho as boas lembranças
das inúmeras vezes que o nono João
ficava sentado de cócoras –
(posição conhecida como malasana) –
reunido com os representantes dos ciganos.
Aquelas conversas se estendiam
do final da tarde até o início da noite
sob o nosso olhar curioso e atento.

Os ciganos chamavam de “gajão”
todos aqueles que não pertenciam ao seu povo

e nós, crianças, gostávamos de repetir esta forma de tratamento genuína do povo cigano, durante as nossas conversas e reuniões familiares.

O nono tinha profundo respeito pelo povo cigano e nos ensinou a conviver com o modo de vida deles, (com sua história e cultura diferentes da nossa). Pensando na discriminação aos ciganos e a outras etnias, as atitudes do João Salomão nos ajudaram a valorizar a diversidade e a respeitar outros povos.

Em tempos de tanto ódio e absurda intolerância, vejo o quanto foi importante e fundamental o comportamento e exemplos do nono Salomão para convivemos e aprendermos com os diferentes.

O sabor doce da manga

Uma das alegrias da minha infância
era sair de manhã para colher mangas.
Eu não só catava as mangas que caíam
sozinhas por estarem maduras,
como subia no alto daquelas enormes árvores
para buscar as frutas mais bonitas
(essa era uma prática comum entre as crianças
da minha época de infância).

54

Mangas de muitos tipos e de muitos sabores.
Manga Rosa, Espada, Papo de Rola,
Chatinha, Comum, Chupeta,
Coração de Boi, Óleo, Coquinho...
Esses eram os nomes dados às mangas
que colhíamos perto da nossa casa.
Algumas dessas mangas tinham nomes diferentes
em outros lugares, mas nós as chamávamos assim.
Frutas deliciosas da minha infância...

Até hoje o sabor da manga me agrada muito
e esse gosto passou para os meus filhos,
que também apreciam o sabor dessa fruta deliciosa,
trazida pelos imigrantes portugueses,
da Índia para o Brasil, no século XVI.
Parece que a manga, aqui, se sentiu em casa...

O gosto pelas mangas atravessou gerações.

Licções dos leilões

Quando chegava o mês de maio,
mudava a atmosfera dos moradores
da comunidade de Alto Moacir,
em preparação às festividades
do mês de Maria, das mães e dos leilões
realizados na igreja de Santo Isidoro,
(padroeiro dos lavradores).

As famílias preparavam as prendas
de todos os tipos e, no dia marcado,
levavam-nas para serem leiloadas
durante as quermesses da igreja,
entre os membros da pequena
comunidade e entre os visitantes.

Eu sempre gostei de ver os leilões
e os acompanhava com real interesse.
Era empolgante assistir o desempenho
dos leiloeiros animados,
que se dirigiam ao alto do coreto,
colocavam as prendas em suas mãos,
atribuíam a elas um valor inicial,
e saíam gritando no meio das pessoas
que se aglomeravam no pátio da igreja,
após as celebrações ou missas noturnas,

para oferecer as variedades do leilão aos presentes, durante as festividades religiosas.

Eram pudins, doces de muitos sabores, pencas de laranja, mexerica, bananas, bebidas, salgados, biscoitos, crochês, carnes assadas de porco, boi e frango, sacas de café, feijão, fubá, leitões, e outras coisas levadas pelas famílias, agrupadas por local de moradia, que participavam de uma competição saudável para arrecadar o maior valor com o leilão do dia.

56

Todos acompanhavam atentamente o espetáculo dos leilões que aconteciam nos fins de semana do mês de maio. As crianças, em especial, vibravam com os lances ofertados pelos participantes adultos que realizavam uma disputa emocionante para definir quem arremataria a prenda ofertada.

Eram encontros fortes de festa e celebração, momentos de integração das famílias. Mas uma coisa me chamava atenção: eu notava que alguns frequentadores se destacavam pela quantidade de itens arrematados e pelos valores que empregavam em cada nova edição de leilão que era realizada.

Já naquela época eu percebia nitidamente que o protagonismo de alguns participantes tinha relação direta com o seu poder aquisitivo. Assim, aqueles momentos de confraternização, para arrecadar recursos para a manutenção da igreja, e para ajudar algumas pessoas que precisavam, mostravam as diferenças sociais entre os membros daquela pequena comunidade do interior, terra onde está fincada a minha história e da minha família, desde a década de 1920.

Observando os leilões na minha comunidade, dei os primeiros passos para compreender que as desigualdades sociais são consequências da sociedade capitalista que promove a exclusão de muitos e a acumulação de riquezas por uma pequena parcela da sociedade. Durante a atuação nas pastorais da igreja, a militância nos movimentos sociais e o período em que cursei filosofia, (quando estudei as ideias de vários pensadores), pude compreender melhor o processo de acumulação do capital e da riqueza, no Brasil e no mundo, e as formas de superá-lo por meio das lutas sociais e políticas.

Deus ajuda quem cedo madruga

Quem trabalha na roça
geralmente acorda cedo,
principalmente no tempo da colheita,
como ainda se diz na minha terra:
– No tempo da “panha”.

58 Durante a minha infância,
lembro que os meus nonos, pais,
tios, primos, madrugavam
para trabalhar na lavoura
ou para os ofícios domésticos.
Saíam de casa muito cedo,
antes das cinco horas da manhã,
com as ferramentas que eram
usadas durante o dia de trabalho.

Além de acordar cedo,
o costume, naquele tempo,
era almoçar às 8 horas da manhã
(o almoço era a primeira refeição do dia).
O café era servido ao meio-dia e às 15 horas,
e o hábito era jantar até as 17 horas,
e dormir por volta das 21 horas,
quando muito tarde.

Ainda lembro muito bem
da minha rotina e a dos meus irmãos,
que éramos os responsáveis
de levar as marmitas com o almoço
e o pão caseiro com café ao meio-dia
para aqueles que trabalhavam,
principalmente nas lavouras de café.

O trabalho duro e cansativo na roça,
durante o dia inteiro,
não tirava o ânimo da turma
para a labuta do dia seguinte.
Nas noites, sem energia elétrica,
iluminadas pelas lamparinas,
(não tínhamos lampiões,
considerados artigos de luxo naquela época),
não era raro, as famílias se juntarem na sala
ou em qualquer outro lugar da casa
(ou nos arredores da residência)
para a “contação” de histórias,
que os mais velhos faziam questão
de ensinar para as crianças.

Aqueles momentos familiares
despertavam o interesse da meninada,
especialmente porque os mais velhos
sempre tinham uma boa história pra contar
que gerava algum tipo de interesse

naquele tempo em que a gente
não conhecia a televisão
(o rádio à pilha era o principal
meio de comunicação do lugar).

Aquele costume de reunir a família
era rotina sagrada na minha infância.
E entre uma história e outra,
no embalo das brincadeiras de criança,
a gente seguia confiando que
“Deus ajuda quem cedo madruga.”
E por que não dizer de outra forma:
Deus nunca esquece,
e a saúde agradece,
quem cedo adormece.

Calvície do nono

Certo dia, numa missa,
na igreja de Santo Isidoro,
eu, criança de poucos anos,
vi o meu nono, pai da minha mãe,
Paulo Borini, sem chapéu
e me chamou atenção,
pela primeira vez, sua enorme calvície
(meu nono materno, falecido em 2002,
(aos oitenta e um anos),
era um homem de convicções fortes,
de atitudes firmes e determinadas.
Com ele aprendi o valor do trabalho
e da disciplina em todas as etapas da vida).

61

Fiquei intrigado com aquela cena
e quando cheguei em casa
logo exclamei em voz alta:
– Papai! Mamãe! O barbeiro estragou
o cabelo do nono!
Eles caíram na risada
e acharam engraçada a minha observação...
(detalhe: eu não lembrava desta história,
foram os meus pais que me contaram.

Por isso, quando escrevia este texto lembrei
da obra de Marcelo de Barros,
“Nossos Pais nos Contaram”,
(sobre a caminhada do povo de Deus),
que li quando eu era militante
da Pastoral da Juventude, na década de 1980.

O universo das crianças
é fascinante e mágico,
e muitas vezes os adultos
não conseguem enxergar
a graciosidade e as inquietudes
(filosóficas) do olhar infantil.

62

Essas histórias engraçadas,
sem sentido para gente grande,
compõem os enredos
que marcam (para sempre) nossa existência.

Passarinho na gaiola

No tempo da minha infância
era comum aprisionar
passarinhos nas gaiolas
e usar setas (estilingues)
para abatê-los.

Quanta crueldade praticada
contra passarinhos inocentes:
juritis, sanhaços, periquitos,
sabiás, coleiros, guachos, curiós,
melros, beija-flores, canários,
catataus, tico-ticos, saracuras,
cardeais, bem-te-vis, goderos,
saíras, lavadeiras, pica-paus,
araras, papagaios, viuvinhas,
bigodinhos, azulões, arapongas,
corujas, flamingos, garrinchas,
rolinhas, tizius, joões-de-barro,
inhambus, pintassilgos, tuiuiús,
perdizes, macucos, rolinhas,
quero-queros, tucanos...

As crianças, os adolescentes,
os jovens e adultos, todos
se divertiam e se gabavam

por conseguirem prender
os passarinhos nas arapucas,
nos visgos e nos alçapões.
Abater os passarinhos ou
prendê-los nas gaiolas
era visto como virtude,
exemplo a ser seguido.

Quanta ignorância
reunida nesse comportamento...

Quando lembro desse tempo,
fico triste e arrependido
por ter pensado e agido assim.

64

Quantos crimes contra a fauna...
Felizmente os tempos mudaram.
Hoje, quando visito a minha terra,
vejo os passarinhos soltos.

Os canários da terra e outros pássaros
que tinham desaparecido da região,
agora são vistos voando livremente.
e não mais cantando de tristeza
aprisionados nas gaiolas.

Os comportamentos e atitudes são outros,
(mas ainda há muitas ameaças à fauna e à flora)
e, nesses tempos, a grande maioria das crianças
tem outra consciência sobre a natureza
e a necessidade de preservação dos nossos biomas.

Os dilemas que vivemos na atualidade,
em tempos de mudanças climáticas,
de desenvolvimento econômico acelerado,
e de aprofundamento do individualismo,
são desafiadores para toda humanidade.
Os crimes ambientais de Mariana e Brumadinho,
que produziram centenas de mortes
nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo,
e a tragédia humanitária imposta
ao povo yanomami, no estado de Roraima,
chocaram o Brasil e o mundo,
e são gravíssimos sintomas desse processo.

Unamo-nos, em todos os lugares,
para frear a ganância do capital que coloca o lucro
e os interesses individuais e econômicos
acima do bem viver e da sustentabilidade do planeta.
É preciso mudar atitudes e comportamentos
para garantir o cuidado com a mãe-terra,
com as suas belezas e riquezas naturais.
Em maio de 2015, o Papa Francisco,
(audacioso profeta dos nossos tempos),
lançou a “Encíclica *Laudato Si’* –
sobre o cuidado da Casa Comum”,
onde convoca a todos nós para trabalharmos
em favor de uma ecologia integral,
e, assim, fazer a vida prevalecer
acima de qualquer outro bem ou interesse.

Encantamento com a cidade

Eu tinha quatro anos
quando fiz minha primeira viagem
do distrito de Governador Lindenberg
para a cidade de Colatina.
Aproximadamente 40 km,
pela estrada que passava em Sapucaia,
Santa Rosa e Patrimônio do Rádio.
Até então, eu não tinha saído
de Córrego Alto Moacir.
Até aquele dia, o meu mundo
era o lugar onde nasci.

66

Lembro do meu espanto
e da minha admiração
ao avistar, pela primeira vez,
uma cidade, a princesa do Norte.
Recordo, como se fosse hoje,
quando o ônibus atravessava
a ponte Florentino Avidos,
deitada sobre o Rio Doce,
eu via o amontoado de casas
no alto do morro de Colatina
e achava que eram lençóis
enormes estendidos nos varais.
Aquela era uma grande
novidade em minha vida.

Meu espanto foi maior
quando desembarcamos
na rodoviária e vi pessoas
formando uma multidão...
Nunca tinha visto tanta gente...
Mais tarde, no centro da cidade,
enquanto minha mãe fazia
compras numa loja de roupas,
eis que apareceu o trem da CVRD
que fazia o longo trajeto entre
Cariacica-ES e Belo Horizonte-MG
(naquele tempo, o trem ainda passava
pelo centro comercial da cidade).
O meu encanto com aquela
cena inédita e inesperada
foi de tamanha magnitude,
que quando vi, eu já estava na porta da loja
para acompanhar o trem que passava.
Quando minha mãe percebeu
que eu não estava mais próximo dela,
tomada pelo impulso materno,
abandonou o ofício das compras
e rapidamente foi me resgatar na calçada,
em frente ao local onde ela estava.

A minha experiência com a cidade,
foi impactante e sedutora.
Desde o primeiro momento
fui tragado pelos mistérios da urbanidade.
Talvez isso explique a razão

da minha rápida resposta
ao convite do meu tio
para morar na casa dele
e estudar em Cariacica.
Minha relação com a cidade,
foi apaixonante desde o início,
apesar das mazelas sociais,
meu caso com a cidade
foi amor à primeira vista.

Quando fui prefeito de Cariacica,
(entre os anos de 2005 e 2012),
pude perceber mais concretamente
os desafios das cidades que cresceram
desordenadamente e sem planejamento.
Em nossos dias, precisamos pensar a cidade
como espaço urbano criativo, acessível,
inteligente, participativo, sustentável;
locus do encontro, da acolhida, da diversidade,
da cultura, da inovação e da inclusão social.

O tempo passou, os desafios são ainda enormes,
e o meu encantamento com a cidade
continua como foi nos tempos de criança.

Decisão corajosa

Quando eu tinha apenas dez anos, o saudoso Aldeir (tio Titi), irmão da minha mãe, durante uma visita à casa dos meus pais, propôs que eu fosse morar em Bela Aurora, onde ele residia com a família, em Cariacica, Região Metropolitana da Grande Vitória.

Ele sabia do meu desejo de continuar os estudos, e onde eu morava a escola ficava longe. Eu terminaria o quarto ano primário em 1974 e no ano seguinte, a escola onde eu estudava não ofereceria a quinta série, por isso eu teria que me deslocar, no mínimo, sete quilômetros até a nova escola na localidade mais próxima.

Fiquei entusiasmado com aquele convite, mas, inicialmente, imaginei que meus pais não fossem autorizar a minha saída de casa tão cedo. Engano meu, vendo os meus olhos brilharem, Demétrio e Nadir disseram sim (foi um ato de amor e de coragem deles).

Pouco tempo depois, no ano seguinte, em 1975, numa manhã de fevereiro, eu e minha mãe, partimos de ônibus para Colatina e depois para a capital Vitória.

Aquela viagem inesquecível ficou marcada por vários sentimentos misturados: medo, insegurança, incerteza, angústia, possibilidade de continuar os estudos, esperança e um frio na barriga incontrolável...

Eu nunca tinha viajado para tão longe... Entre Governador Lindenberg e Cariacica são 190 km, aquela (pra mim) era uma distância muito grande... Eu só não pensei que seria uma viagem sem volta. Já se passaram quarenta e oito anos e nunca mais voltei a morar no lugar onde eu nasci e vivi os primeiros anos.

70

Minha família mora lá até hoje, por isso mantenho vínculo com a minha terra natal, onde sempre passeio para matar a saudade e beber dos ensinamentos mais importantes que são a base do meu caráter, da minha personalidade e do meu aprendizado.

Muitas vezes fico pensando que aquela decisão corajosa dos meus pais mudou para sempre o meu destino.

Pescaria

As águas do Córrego Alto Moacir
refletiam nos olhos atentos
do pescador naquela noite de muito calor.
O silêncio paciente daquele homem
que esperava o peixe fisgar
a isca apetitosa presa ao anzol
era o que mais me impressionava.

Enquanto as horas passavam,
o velho pescador ensinava
com o seu comportamento
disciplinado, habitual e rotineiro,
que a persistência na vida
e na pescaria é fundamental.

Ele segurava a vara de bambu imóvel,
durante várias e várias horas.
Com razão, dizia ele que era para não assustar
os bagres, as traíras e os outros peixes
que habitavam aquele pequeno córrego
envolto em mistérios da infância
e de histórias de pescadores do lugar.

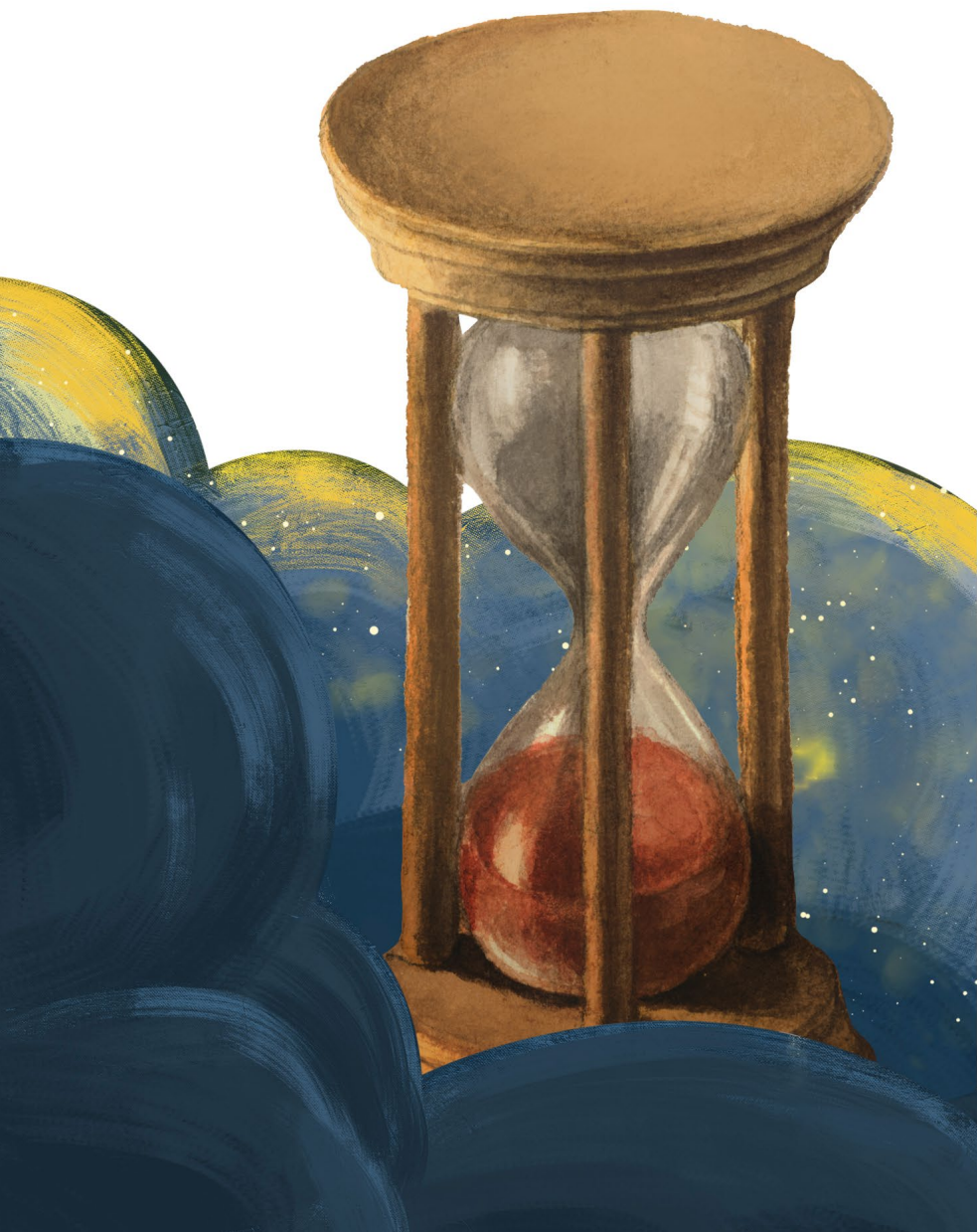
Em casa, a expectativa era grande
pelo resultado da noite de pescaria,

para saber se teriam peixes no embornal de pano que o pescador usava também para colocar isca, lanterna e o cigarro de palha.

Tive a oportunidade de acompanhá-lo em algumas aventuras noturnas à beira do córrego portando a vara de anzol. Não era incomum, diante da minha impaciência, e do meu incômodo com os insetos, o nono me advertir sobre a necessidade do silêncio, da disciplina, e da insistência para que a pescaria tivesse sucesso.

72


Mais tarde, compreendi que a paciência é um dom que devemos cultivar todo o tempo, já que a vida não é uma corrida de 100 metros, e sim, uma maratona permanente. Hoje, entendo que aqueles ensinamentos do pescador (dedicado) João Salomão não eram apenas para pescadores aprendizes, mas lições que devemos levar para a vida inteira.



Anos

“Quando se vê, já são seis horas: há tempo...
Quando se vê, já é sexta-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos...”

(trecho do poema “Seiscentos e Sessenta e Seis”
de Mário Quintana, 1980)



Essencialmente

Para Demétrio e Nadir, meus pais

I

Das coisas que eu aprendi,
vocês me ensinaram as mais importantes.

II

A minha melhor parte,
é a imagem e semelhança de vocês.

Retrato

Molduras na parede,
imagens amarelas,
lembranças de querelas,
corações com sede.

Pé de goiaba esquecido
na beira da estrada,
atiçando a meninada
no nascer do sol atrevido.

78

Brincadeiras infantis
nas noites enluradas,
e histórias sutis
contadas e recontadas.

Pés descalços no chão,
labuta todos os dias
para ganhar o pão,
às noites, as pescarias.

Além da plantação,
colher no tempo da “panha”,
de graça não se ganha,
o café, o milho e o feijão.

Retrato branco e preto
ainda preso na memória,
cenas da minha história,
nas asas do melro-preto.

Filhos são presentes

Para Sofia e Pedro, meus filhos

Filhos são presentes
que chegam em nossa vida
para torná-la melhor.
Com eles reaprendemos
a ver o mundo
e a amar as pessoas.

Filhos, nos remetem à infância
e nos ensinam a ressignificar o que somos
para sermos pessoas melhores e mais felizes.

Mãe e matriarca

Ela é referência da família,
companheira do meu pai
há mais de sessenta anos.
Nadir, minha querida mãe,
mulher de coração gigante,
conselheira, ombro amigo,
exemplo de luta, costureira,
parteira e matriarca,
generosidade em pessoa...

80

Ela me guia na vida
e me ensina tantas coisas...
O hábito de colocar data
em tudo que eu escrevo,
foi com ela que aprendi.
Ter fé, rezar, respeitar
a todos sem distinção,
ser perseverante em tudo
aquilo que vou fazer,
ter humildade sempre
e fazer o que é certo,
com honestidade e ética,
e tantas outras boas coisas,
minha mãe me ensinou,
junto com o meu pai.

É difícil falar dos meus pais separadamente,
são uma coisa só. Como pensar a Nadir
sem o Demétrio e o Demétrio sem a Nadir.
Sinto que um é a força do outro,
são inseparáveis, simplesmente assim...
(em fevereiro deste ano eles celebraram
as Bodas de Diamante, sessenta anos de matrimônio).

Em tempos de desvalorização da mulher,
minha mãe teve papel importante
na educação dos filhos e protagonismo
nas atividades familiares e sociais.
Aos setenta e nove anos, ela continua muito ativa,
exercendo liderança na família e na comunidade.

Só não leve ao pé da letra o que falo sobre a Nadir,
porque sou fã incondicional da minha mãe
e os fãs têm dificuldade de enxergar os defeitos...

Mulher de verdade

Ela foi mulher de verdade,
não por causa do título da música
de Mário Lago, compositor de Amélia.
Minha nona materna ensinou com a vida.
Sabia apenas desenhar o seu nome,
pois nunca frequentou a escola,
mas era de uma sabedoria incrível
e de uma generosidade grandiosa
que inspirava a todos a sua volta.

82

Mulher de verdade porque soube
manter vivas a fé e a esperança.
Amélia era sinônimo de bondade,
uma mulher que beirava à santidade
pelas suas atitudes humanistas
e sua preocupação com as outras pessoas.
Piedosa e atenta ao sofrimento alheio,
cativava as pessoas com seu jeito simples.

Com ela convivi durante muitos anos,
pois entre os anos de 1975 e 1985,
morei na casa dos meus avós
e tios em Bela Aurora, Cariacica-ES.
Naquele período eu estudava
num turno e trabalhava no outro,

na mercearia Irmãos Borini,
de propriedade da família da minha mãe.

Com a Amélia, aprendi o roteiro da simplicidade,
a força da fé e o caminho do cuidado.
Sempre atenta aos problemas da família,
era ela quem mostrava que o amor dispensa palavras.

Recentemente minha irmã contou que ela e uma prima
receberam um abraço e uma palavra de conforto
da nona Amélia, durante um sonho.
Era sobre algo que estava para acontecer,
mas que elas podiam ficar tranquilas
e confiantes porque tudo daria certo.
Pouco tempo depois, minha irmã e a prima
viveram dias difíceis com os filhos e tiveram a proteção
que foi antevista pela nona Amélia no sonho.

83

Amélia faleceu em 2003, (aos oitenta e cinco anos),
mas ela continua sempre presente
nas minhas orações e nas minhas decisões.
(Ela e o nono Paulo eram meus padrinhos de batismo).
Nona Amélia deixou ricos exemplos para todos nós,
inclusive, me ensinou a conquistar espaços
com honestidade, sem precisar trair princípios
e usurpar os direitos dos outros.
Ela, sim, era mulher de verdade.

Despedida em sonho

Na noite de sexta-feira, 10 de agosto de 1979,
eu estava sentado no sofá assistindo um programa na TV,
na sala da casa dos meus avós maternos (Amélia e Paulo),
em Bela Aurora, Cariacica-ES,
(eu tinha quinze anos e morava com eles),
quando recebi a notícia da morte
do meu tio Elvécio Salomão, irmão do meu pai.

Aquela notícia me impactou profundamente...
84 Ele tinha trinta e seis anos e perdeu a vida num acidente
envolvendo a moto que ele pilotava e uma carreta
(difícil lembrar as circunstâncias daquele trágico acidente).
Quando este dia vem à minha memória,
ainda dá um nó na garganta e um aperto no peito.

Elvécio era dentista sem formação acadêmica
(naquela época era comum a figura do dentista prático).
Ele era reconhecido e tinha muitos clientes
em toda região de Governador Lindenberg.
A morte dele teve enorme repercussão em toda a redondeza,

No dia seguinte, meus tios e avós foram para o velório
e sepultamento dele, mas não tinha lugar no carro,
por isso não pude me despedir presencialmente do meu tio,
fato que me deixou muito angustiado e triste.

Mas, eis que naquela noite algo inesperado aconteceu:
por meio de um sonho, de um sonho lindo,
tive um encontro espiritual com o meu tio Elvécio...

Quando acordei na manhã seguinte,
com o coração apertado, mas com a alma leve,
tive a certeza de que aquele sonho foi a nossa despedida...
A impressão é que tínhamos conversado a noite inteira...
(lembro, inclusive, a camisa que ele usava durante o sonho).
O cenário do nosso diálogo foi real:
uma mata que fica perto da casa onde eu nasci.
E naquele encontro de alegria e de conversa sobre a vida,
ele flutuava entre as árvores até que desapareceu suavemente...

O tempo passou, mas ficou a boa lembrança
gravada na memória do coração,
além da certeza de que ganhei a oportunidade
de me despedir do tio Elvécio durante aquele sonho (leve),
feito de emoção e de poesia.

Três com três

Era uma vez, três irmãs e três irmãos...

Nadir amava Demétrio,
que amava Nadir.
Casaram-se e tiveram
quatro filhos:
Helder, Adwalter,
Ivan e Sonia.

86

Irene amava Geraldino,
que amava Irene.
Casaram-se e tiveram
quatro filhos:
Patrícia, Andréa,
Eduardo e Daiana.

Angela amava Pedro,
que amava Angela.
Casaram-se e tiveram
três filhos:
Sílvia, Junior
e Camila.

Nadir, Irene e Angela, três irmãs.
Demétrio, Geraldino e Pedro, três irmãos.

Três irmãs casadas com três irmãos.
Três irmãos casados com três irmãs.
Primos são mais do que primos,
na verdade, são primos-irmãos.
Ficou tudo junto e misturado:
famílias Borini e Salomão.

E a história continua sendo escrita...
já chegaram os filhos dos filhos
e os filhos dos netos também...
e com tempo vão chegar muito mais...

Presente

Vivo intensamente as emoções
e os dias que ainda me restam.
Sofro e me alegro sem medos
nas cirandas que a vida apronta.

O medo não pode impedir
que as mãos cumpram a missão
de abraçar e ajudar aqueles
que aguardam minha acolhida,

88

no momento de contradições
que vivo nesta hora decisiva
de tantos desafios e esperanças.

O passado pulsa em nossos dias,
o presente está grávido da vida
e o futuro é o que eu vivo agora.

Cheiro de terra molhada

Como é bom sentir o cheiro de terra molhada!
O fenômeno da chuva molhando a terra
fascina-me desde a primeira infância.
Como era bom ver aquele acontecimento
da janela da casa ou no meio dos coqueiros.
A chuva batendo nas folhas das plantas secas,
marcadas pelo calor do sol escaldante,
sempre mexeu com as minhas emoções
e instigava os meus pensamentos.

Sempre gostei de observar a terra
recebendo a chuva carinhosamente
em sinal de agradecimento e de afeto.
Lembrar daquele cheiro de terra molhada
da infância, me transporta para minhas origens.
Sempre penso na chuva como o fenômeno
que faz a semente germinar.

Gosto da chuva mansa que chega devagar
trazendo vida nova para as plantações.
Mas vi chuvas torrenciais trazerem medo,
destruição, dor e muito sofrimento...
Para aqueles que não têm um teto seguro,
(no campo ou na cidade),
é uma tormenta que parece não ter fim...

Especialmente nas cidades que cresceram sem planejamento, de maneira desordenada, onde as pessoas habitam em áreas de risco (ao longo desses anos, com as mudanças climáticas, temos visto com mais frequência o drama das famílias que sofrem com as fortes chuvas). Por isso, os espaços urbanos precisam ser ocupados com sustentabilidade e de maneira planejada.

Do meu jeito, desde criança, mantenho o hábito de pedir que a chuva venha calma para regar a terra, germinar a semente, produzir brotos, plantas, flores e frutos, enfeitar e alegrar os jardins dos nossos corações.

Presença de Clementina

Eu não a conheci,
mas já ouvi falar muito dela.
Ela faleceu antes do meu nascimento,
quando tinha apenas quarenta e seis anos.
Clementina Breda, minha nona paterna,
foi a segunda esposa do nono Salomão,
que havia ficado viúvo ainda muito jovem.

Da Clementina, conheço muitos relatos
contados pelos meus pais e outros familiares.
Ela teve nove filhos
e era conhecida pelo seu habitual
cuidado com todos que estavam à sua volta,
não media esforços para ajudar as pessoas
e tinha uma fé simples e vigorosa.

Conheço algumas histórias
contadas por pessoas da família
que teriam invocado o nome dela
em situações de extremo perigo,
de grave problema de saúde
ou de grande necessidade,
e que os pedidos teriam sido atendidos.
Até hoje membros da família
invocam o seu nome, durante as orações,
pedindo por sua intercessão.

Sem tê-la conhecido, de alguma maneira,
sinto a presença dela em minha vida.
Muito pelas histórias contadas
sobre essa extraordinária mulher
e, também, pela sua força espiritual,
que ainda hoje continua
iluminando nossos caminhos.

Lembranças são sempre pedagógicas:
nos mantêm em contato com nossas raízes,
nos inspiram, nos empurram para frente
e são combustível para renovar a nossa
esperança em dias melhores.

92

É incrível que depois de tanto tempo,
e sem ter convivido com ela,
ainda sinto a presença de Clementina!

Cavalo de Santa Luzia

Treze de dezembro,
dia de Santa Luzia,
data (muito) esperada pelas crianças.
A gente colocava na janela
o prato com capim
e esperava com fé
que, à noite, a Santa
viesse com o seu cavalo
e deixasse balas e doces
para a alegria dameninada.

93

Aquele ritual mágico
era repetido todos os anos
com a mesma crença
de que o cavalo de Luzia
comeria o capim do prato
e deixaria os presentes
para as crianças de fé.

Guardei a fé em Luzia.
Por isso, rezo para que a Santa,
protetora da visão
abra os olhos do nosso povo
contra o racismo, o ódio,

a intolerância, as mentiras,
a violência política,
o fascismo, a homofobia,
o autoritarismo, a exploração,
o preconceito e a tirania.

Viva Santa Luzia!

Bom princípio

A virada do ano é sempre
um momento de celebração.
Na região onde eu nasci
e vivi os meus primeiros anos,
a comemoração de Ano Novo
não era em 31 de dezembro.
A principal festa da região
ocorria em 1º de janeiro,
na comunidade vizinha
de Córrego Bernabé,
que realizava nesta data
a procissão e benção dos carros
e dos motoristas,
hoje realizada em 25 de julho,
dia do padroeiro São Cristóvão.

Mas, para as crianças,
o primeiro de janeiro,
tinha outro significado,
era o dia do Bom Princípio.
Logo ao acordar, bem cedo,
saímos de casa em casa,
(somente as mais próximas),
geralmente dos parentes,

para desejar às famílias
o bom princípio de ano.
Como retribuição ao gesto
das crianças, os adultos
davam um pequeno agrado
para retribuir a visita
e o desejo de ano novo,
o Bom Princípio!

A nossa espera ansiosa
durava o ano inteiro,
e a gente aguardava
com muita expectativa
por mais um recomeço
e por aquela recompensa
que todos os anos
fazia a festa da criançada,
no embalo do Bom Princípio.



Apêndices

Quando eu encaminhei este livro para a leitura da minha irmã, Soninha, ela fez alguns ajustes nos textos (principalmente datas, idades e nomes) e acrescentou as duas memórias narradas abaixo, que revisei e acolhi para compor esta obra. Também consultei meus pais, que me ajudaram a corrigir algumas informações.

As compras do nono Salomão

Todos os meses, o nono João ia à Colatina fazer as compras necessárias para a família. Embarcava cedo no ônibus que passava às seis horas da manhã e retornava às dezesseis horas (esses horários permanecem até hoje). Em casa, sete de seus filhos, que moravam em Santo Isidoro, (os demais moravam em outras localidades), o esperavam ansiosos para recebê-lo, porque o nono sempre fazia as compras e as repartiam entre seus filhos.

Também era a grande a euforia dos netos que aguardavam o nono para ajudá-lo a carregar as compras e ganhar as recompensas no final. Após o trabalho concluído, ele pedia que formássemos uma fila para que ele pudesse distribuir as balas, doces e maçãs esperadas por nós.

Todos nós, com disciplina e ordem, aguardávamos o nono nos entregar um punhado de balas e a maçã tão cobiçada pela criançada daquele tempo. E ele se alegrava com os netos reunidos, que após receberem os agrados do nono, o abraçavam e lhes davam um beijo estalado. Ah, quanta alegria o nono nos proporcionava com aqueles momentos singelos e rotineiros... Quantas coisas importantes aprendemos com aquelas atitudes simples e que trouxemos para nossas vidas...

Ovos de Páscoa coloridos

Quando éramos crianças, esperávamos ansiosos pela Páscoa. No Sábado Santo (Sábado de Aleluia), acompanhávamos o papai até a mata, onde ele buscava as cascas de pau (de peroba vermelha) para preparar os ovos de Páscoa.

No dia seguinte bem cedo, (Domingo de Páscoa), nossa mãe cozinhava os ovos de galinha junto com as cascas de pau para que ficassem coloridos de vermelho. Aquele ritual nos enchia de contentamento... Ficávamos fascinados e encantados com os nossos ovos de Páscoa (saborosos, vermelhinhos e lindos), que faziam a alegria da criança. E neste clima de festa e de celebração, todos os anos a gente se reunia para viver o sentido da Páscoa, a ressurreição de Jesus Cristo.

Este livro foi composto em Papel Polén Bold 90g
com fonte Caslon corpo 11 e impresso pela
Gráfica e Editora GSA em julho de 2023.



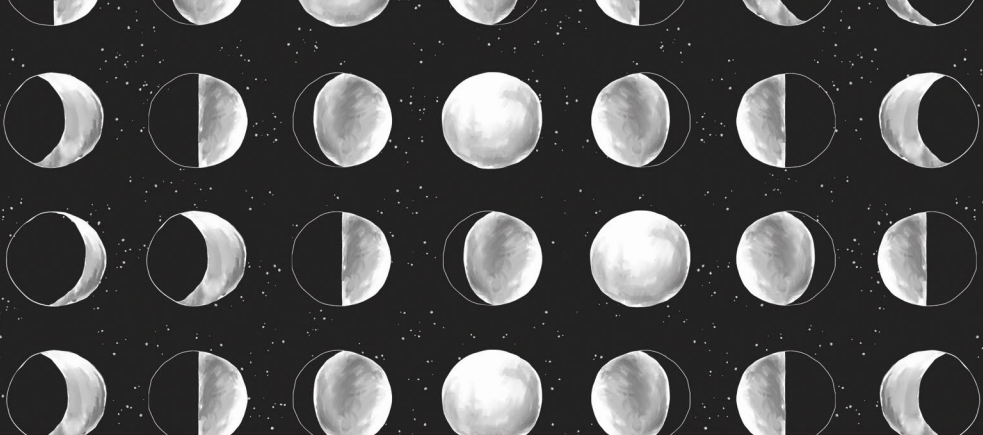
Helder Ignacio Salomão

é capixaba, natural do Córrego Alto Moacir, município de Governador Lindenberg, que à época era distrito da cidade de Colatina.

Membro da Academia Cariaciquense de Letras (ACL), exerceu os mandatos de vereador e prefeito de Cariacica, deputado estadual e está no terceiro mandato de deputado federal pelo PT-ES.

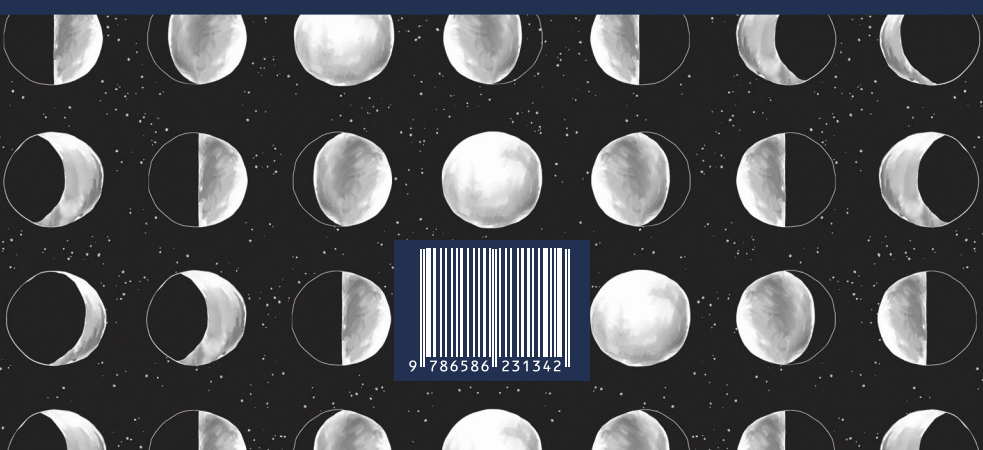
É **autor dos livros** Palavras (2014), Janelas (2017), Plural (2019), Estações (2022) e Cheiro de Flor (2022).

É **coautor do livro** Desafios das Cidades (2016).



Noites de julho são as noites da minha infância que se misturam com as noites da minha vida. Minhas histórias que se conectam com outras histórias que fazem parte da minha existência.

Memórias de um passado distante, lições que os mais velhos ensinaram, vivências e aprendizados que guardo até hoje. Reflexões sobre o presente que vivo intensamente e projeções para um futuro melhor, estão entrelaçadas neste livro.



9 786586 231342